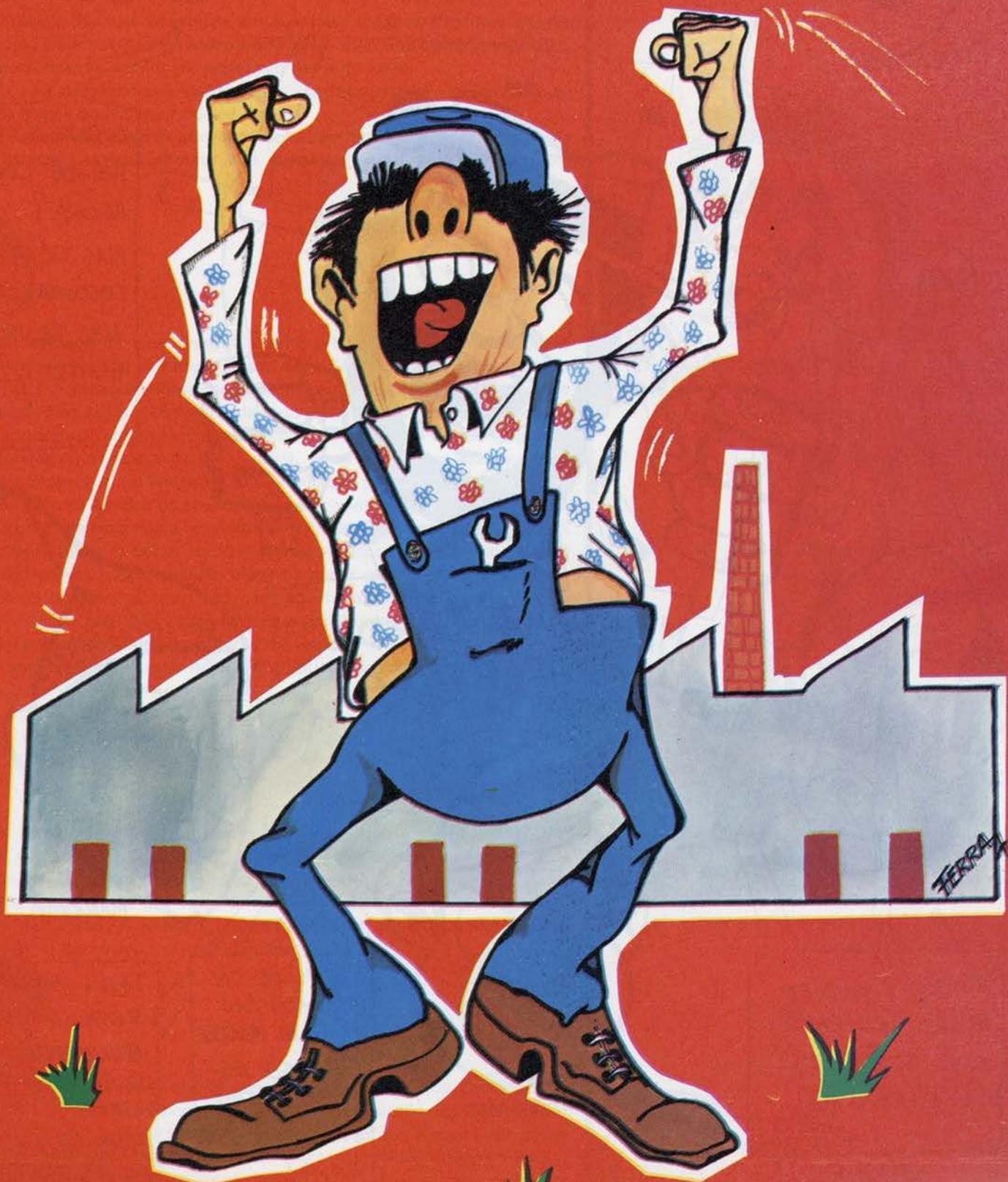


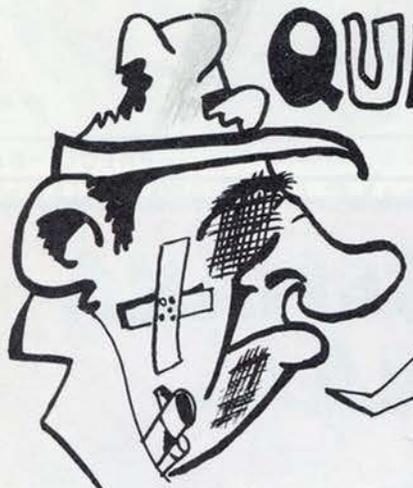


QUE LIMPEZA SÓ NUMA SEMANA DE TANTO SAFARDANA!!!



ORA CONTE-MOS

QUE PENSA DO 25 DE ABRIL



EU JULGAVA QUE SABIA O QUE ERA PORRADA!!!



EX-CENSOR

EX-PI.DE/D.G.S.



O QUE É QUE EU HEI-DE CORTAR AGORA? MAS SÓ TENHO TESOURA... NÃO TENHO SERROTE!...

MAIS VALE TARDE DO QUE NUNCA!!!



EX-TACHISTA

AGORA É QUE EU QUERO VER PARA QUE SERVE O DESEMPREGO

FERRA



EX-LEGIONÁRIO

ESTOU DESEMPREGADO SÓ PORQUE AQUELE TIPO SE ESQUECEU DOS CANHÕES EM CASA!...



MARCELO

DEIXA PASSAR ESTA LINDA BRINCADEIRA... DO BAILINHO DA MADEIRA! OLHA SE NÃO ME ABAIXO!...

OS GRANDES PONTOS INTERNACIONAIS

4 Libia ataca. Israel responde. O Egipto ameaça. A Russia aconselha. Os Estados Unidos também. A Siria ataca mais. Israel torna a responder. A Russia acusa. Nixon discursa. Kissinger viaja. O Libano ataca. Israel responde. A Russia berra. Os Estados Unidos berram, Kissinger faz outra viagem. Nixon coça a cabeça. A gente também.



Kissinger depois das suas maratonas a tentar fazer a paz no Próximo Oriente — e ao que parece sem resultados apreciáveis — voltou-se agora para o velho plano americano de auxilio aos países sub-desenvolvidos.

O que é uma rica desculpa para todos serem seus amiguinhos, em troca duns tantos sacos de trigo e outros tantos de adubos.

Tadinhos dos países sub-desenvolvidos que não sabem fazer televisões nem o que hão-de fazer às suas riquezas naturais! Mas Kissinger vai ensiná-los e ajudá-los. Boa alma!



Os grandes senhores do Kremlin estão a ver que Kissinger lhe comeu as papas na cabeça, com a sua recente amizade com Sadat. Porque até há pouco tempo era a Rússia quem dava cartas no Egipto, deixando aos americanos o encanto de Israel. Mas agora Kissinger anda todo tomado de amores com Sadat, e já se fizeram importantes contratos comerciais entre America e o Egipto enquanto que navios americanos andam a limpar o canal. E no meio dessa azafama toda pergunta mestre Brejnev ao tio Podgorny: Mas afinal que papel é o nosso?

Entretanto nos Estados Unidos os problemas raciais continuam na ordem do dia. Agorz recomeçou a ofensiva negra, e então em S. Francisco tem sido um vê se te avias! Praticamente todas as noites sucedem vários assaltos sem o nínimo barulho nem preparação: vai um pacato cidadão branco a andar por uma rua, e surge um carro com um ou dois negros, que sem mais aquelas atiram um ou dois tiros e piram-se. Sem deixar rasto. Sem explicação, nem possibilidades de investigação de motivos. Só porque uns são brancos e outros são negros.

Entretanto os americanos tratam de organizar a política dos outros países. . .



Claro que certas coisas demoram certo tempo a chegar a certos lugares. É o caso da Jugoslavia que durante a recente crise dos combustiveis (recente é como quem diz. .) não tugiou nem mugiu a respeito de restrições. Mas agora também chegou a sua vez. O governo anunciou em Belgrado um novo aumento, agora de vinte por cento. A juntar a outros que tinham havido no ano passado quando ainda não tinha havido a crise do petróleo. . .



Claro que com tantas coisas que os americanos e em seu nome Kissinger tem tido para tratar não tem havido tempo para a continuação das suas negociações mais atrazadas. E se calhar é por esse motivo que Kissinger declarou agora que este ano não vai ainda haver acordo entre os Estados Unidos e a Russia no que diz respeito à limitação de armas nucleares.

Mas também, valha a verdade, para que é que se há de estar a limitar essa coisa? Deixem lá a civilização avançar como deve ser! Nada de misérias!

AINDA HÁ ALGUNS
ALARVES
À ESPERA DE
NOTÍCIAS DA
MADEIRA



ESTE MUNDO LOUCO

EM QUE VIVEMOS

Na Austrália os movimentos feministas encontram-se tremendamente indignados. As senhoras australianas queixam-se amargamente por causa do novo hino da Austrália. Porque o hino que começa com as palavras "Os filhos da Austrália" não se refere às filhas. E não faz a mais ligeira referência ao facto de haver na Austrália mulheres. E elas dizem que isso é mais uma das manifestações de machismo que as humilha e que as coisas assim não-de acabar tristes.

Realmente eu também acho que têm razão. Os autores do hino são uns marialvas indecentes.

Toda a gente sabe que a célebre "Enciclopédia Britânica" se esforça por ser o repositório mais actualizado do mundo no que respeita a povos. E com o tempo, claro, as coisas têm que ser ajustadas.

Ora em 1771, a Enciclopédia Britânica dedicava à China quatro pequeninas linhas.

E agora na edição deste ano, a Enciclopédia já dedica à China a bagatela de 220 mil palavras.

Cada coisa tem a importância que merece. . .

Na Indonésia ser motorista de autocarros é que vai ser bom. Um porta-voz da administração de Jacarta anunciou que vai sair a nova tabela de salários, segundo a qual os motoristas de autocarros passarão a partir do próximo mês a receber o ordenado de 43.000 rupias.

Para não estarmos com contas muito complicadas, basta que lhes diga que um general da Indonésia tem o ordenado de 30.000 rupias. Pelo que será mais vantajoso agora conduzir autocarros do que conduzir soldados.

Ainda há quem se queixe que os telefonemas estão caros! Na Holanda os serviços telefónicos estão já habilitados a fazer electrocardiogramas. Ao que parece, em qualquer estação dos correios o candidato meta uma moeda e aplica o aparelhinho e os impulsos do seu coração são "telefonados" para os hospital. O pior é se depois lhe apresentam a conta, e o coração não resiste ao choque. . .

Em Buenos Aires vai ser construído um imponentíssimo monumento, chamado o Altar da Pátria.

Vai ser erguido numa das Avenidas de Buenos Aires, e irá servir de jazigo de família aos heróis nacionais.

O monumento terá 55 metros de altura, e uma nave central, donde um pedestal conterà os tumulos principais. Depois a vários níveis, surgirão nichos para receber as cinzas de outros heróis.

Parece um pouco macabro, mas eles lá sabem. E naturalmente ficará a ouvir-se em fundo o velho tango de Gardel: "Silêncio en la noche, ya todo está en calma. . ."

Não era só na idade média que se faziam obras de arte devagarinho. Em Barcelona continua calmamente em construção a Igreja da Sagrada Família.

A construção começou há já perto de um século — em 1877 ou 78. E ao que parece aquilo não é para se fazer: é para se ir fazendo. As torres têm já 85 metros, e ainda têm muito para andar. Quando estiver pronta levará 14 mil fieis. E será a Catedral do Mediterrâneo. Mas daqui até lá, ainda falta muito. As grandes obras de arte não têm prazos de construção marcados. E de resto, toda a gente sabe: España es diferente. . .

Mas na Argentina nem tudo é culto da morte: Um camponês ferveroso adepto do general Peron jurou que havia de ter um filho por cada ano que Peron estivesse no exílio. E agora apareceu para provar que tinha cumprido o juramento. Porque apareceu com doze rapazes e cinco raparigas, a totalizar os dezassete anos de exílio do presidente Peron.

O aldeão, Juan Aresta, de 47 anos, e sua mulher, mais os dezassete filhos chegaram há dias em avião especialmente enviado pelas autoridades argentinas, à cidade de Paraná, para tomar posse dum terreno que lhes foi oferecido "como prova de agradecimento pelo seu contributo para o tão desejado aumento populacional da Argentina."

Quem faz um filho, fa-lo por gosto — diz a cantiga. Ou por fidelidade política, parece.



FICÇÃO CIENTÍFICA

Era a sua cultura está tremendamente incompleta se você não for capaz de dizer duas larchas a respeito da ficção científica.

Porque deixe-se de palermices: a ficção sem ser científica é tão pires como o simplesmente Maria. E você quando se convencer disso vai com certeza dizer como aquela menina parva da televisão: Eu não sabia... Claro, pois para não fazer essa figura, você vai ter agora as suas primeiras noções da ficção científica.

Comece por tomar nota de que há duas espécies de enredos na ficção científica: o primeiro refere-se a aventuras passadas para lá da constelação de Sirius e costuma aparecer nesses romances uma data de seres inteligentes mas de feitios muito esquisitos: corpos escamosos, tentáculos ondulantes, um olho só, para dar mais sainete, e geralmente uns instintos muito agressivos para os heriocos viajantes da distante terra que se arriscam nessas paragens.

Também é costume esses viajantes trocarem umas observações muito parvas a respeito dos mundos passados aí há dez ou vinte mil anos, e umas vagas referências a uma guerra extremamente atômica que tornou a terra tão inabitável que os últimos habitantes (e por sinal os mais ligeiros a pirar-se antes das radiações alfa ou omega ou outras quaisquer) conseguiram meter-se numa nave espacial que estava pronta para fazer uma excursão da FNAT lá do sitio e desde então têm andado a ver se descobrem casa para alugar com renda acessível, que o mesmo é dizer em linguagem científica, qualquer planeta com características oxigenadas como uma loira dos anos trinta.

Depois costuma haver recontros com esses tais animazinhos esquisitos, e os romances desse tipo acabam sempre por conseguirem uma

aterragem quase perfeita num local paradisíaco sem mosquitos nem nada, à beira dum lago muito azul que dá pescadinhas de rabo na boca, e com carneirinhos mansinhos a vir comer à mão da donzela que era a catetrineta do capitão original da nave espacial e que andou todo o romance a fazer-se ao piso ao primeiro piloto bonito que domina várias regoltas e diz que tem saudades dumas fárias num parque de campismo.

E olhando uma espécie de sol azul muito bonito que faz uns poentes psicadélicos eles começam a pensar que vão fundar uma nova terra e ter muitos meninos.

O que naturalmente até pode acontecer.

Esta é portante uma das grandes correntes dos romances de ficção científica tendentes a demonstrar a vantagem da superioridade humana sobre os bichos esquisitos.

Depois surge uma outra corrente de literatura científica, que é muito mais evoluída.

Ali já os humanos descobriram um truque bestial: são as viagens no tempo. Isso é que dá grande movimentação ao romance de ficção científica: trata-se daquela coisa muito simples e fácil de compreender, da gente estar sentado em frente duma máquina, que geralmente tem muitos manipululos e relógiozinhos a mexer, e lampadzinhas a acender e a apagar, e depois aparece um sábio muito sábio a dizer que vai entrar no hiper-tempo. Carrega num botão, e záz! fica em ontem. Ou fica no ano passado. Ou então fica num apeadeiro aí por voltas do século dezassete, com duelos, cabeleiras e tudo.

Ou então — mais difícil ainda — os botões regulam-se para adiantar a hora e o pacato cidadão quando lhe cai em cima a energia do sábio muito sábio, vai aparecer no ano 3450 ou 5420.

E então é que o romance

começa a ser giro. Porque o homenzinho que aqui por voltas do fim do século XX julgava que era um chico esperto, e que tinha já atingido o máximo do conhecimento humano, começa a sentir-se mais salio do que os saliois, e a não perceber como é essa coisa das tropomorfomistas e dos deslizadores espaciais para os passeios ao fim da tarde dentro da terra que tem uma redoma em cima por causa das chuvas radio activas que poderiam fazer crescer pestanas nas barrigas das pernas.

E depois vem um sábio

muito compassivo a ensinar ao atrazado século vintista como é que a sociedade teve que evoluir no sentido da selecção das espécies, enquanto uma braza de mini-mini saia se saracoteia à volta do "primitivo" para ver se estuda arqueologia prática.

No fim ele acaba por conseguir arrastá-la para a "porta 5" onde está a tal máquina das viagens no tempo, e com ela bem apertadinha carrega no botão 23. Mas com a precipitação vão os dois cair nos princípios do século catorze, o que é uma riquíssima ideia porque se tivesse caído no

século vinte, donde ele tinha vindo, poderia haver uma desalmada cena de ciúmes com a outra que tinha cá ficado à espera do fugitivo viajante do tempo.

Ficaram agora a perceber o encanto da ficção científica? Então continuem. e Quando virem uma máquina assim com muitos botões e muitos mostradores e a fazer um zumbido esquisito tenham cuidado. Pode ser que seja uma simples betoneira do J. Pimenta, mas também pode ser uma nave espacial, e nunca se sabe onde essas coisas vão dar. Pois pois.



ANTOLOGIA de HUMORISTAS

COMO ESTÁ A MARIA

Por: PIERRE VEBER

Ao passar Bill Sharp por ali, viu, espicado numa paragem, o major Heitner, em pessoa. O major enrolava com mão nervosa o caracol esquerdo da sua bigodeira, e contemplava o desfile ininterrupto de carros, como se este espectáculo fosse para ele de interesse vital. De resto, nós sempre consideramos que o major devia estar a soldo de alguma Sociedade Secreta de Estatística, com o fim de obter indicações sobre uma quantidade de coisas graves e inúteis, como o número de carros que podem caber na Avenida da Ópera, ou a média, em centímetros, da cintura das modistas.

— Meu caro amigo — disse o major Heitner, respondendo a uma interrogação de Sharp — aqui onde me vê, estou esperando a hora de saída das costureirinhas.

— Heitner: você tem uma pequena, empregada nalguma casa de alta costura?

— Ainda não; mas daqui a duas horas creio que a vossa hipótese será exacta.

— Ah! Você faz-lhe apenas a corte?

— Qual! — e familiarmente — Venha comigo, e eu lhe explicarei tudo.

E enquanto conduzia Sharp na direcção da rua Aurea, explicava-lhe a sua tática de sedutor:

— Julga que um homem como eu, que viaja sem descanso, pode ter uma ligação permanente? Além disso, o amor não me agrada desde que seja a consequência dum depósito de dinheiro, e a minha alma romanesca desfolha flores azuis sobre o camaradão que, em mim, não consegue envelhecer. Eu sou por assim dizer, um pária da sociedade, e estaria condenado ao mais cruel celibato senão tivesse descoberto um truque. Eu procedo da seguinte maneira: ponho-me à porta de

um atelier de costura, e quando as 6 horas soam virtualmente nos relógios de algebeira, espreito a saída das empregadas, examino-as com imparcialidade, como se não estivesse interessado no assunto.

Quando passa uma modistinha que me agrada, digo para comigo: "Esta. Toca a segui-la, até que cheguemos a uma rua deserta". Então aproximo-me, ponho-me a seu lado, e digo-lhe, no tom de mais ardente rogo:

— Como está a Maria?

A pequena para, surpreendida, e olha-me; está a pensar, coitadinha: "Que me quererá este idiota?"

Então eu redobro a doçura e cortesia.

— A menina não está, não é empregada da casa Gomes e Mata, alta-costura?

— Sou.

— Desculpe o meu atrevimento, mas estou em relações com uma sua colega; não a vi hoje e como cheguei duma viagem, atrevi-me a perguntar-lhe o que foi feito de Maria?"

Meu caro, fixe bem isto: em todos os ateliers de costura, há uma rapariga chamada Maria; muitas vezes há duas; e a minha meiga vítima, pergunta por sua vez:

— Qual Maria? A Maria Santos ou a Maria Rosa?

— É nesse momento que é preciso muita atenção e não perder a deixa. Declaro então:

— Não sei o seu apelido. Não me disse nunca senão o nome próprio. Conheci-a acerca de um mês e tenho uma grande simpatia por ela. Vou dizer-lhe como é a sua figura: estatura regular, cabelos castanhos, olhos cinzentos e o nariz um pouco arrebitado.

— Ah! Deve ser a Maria Rosa. O senhor gosta dela?

Ah! meu amigo. Caiu, caiu pela curiosidade! Ela julga que tem ali à mão o homem

da sua colega Maria, aquela sonsa da Maria que não lhe contou nada dos seus amores; e como está mortinha por tudo saber, para no dia seguinte, ir contar no atelier, que "Maria engana o seu rapaz com um sujeito assim

assim, ou engana um sujeito assim assim com o tipo dela!"

Então dedico-me ao improviso: "Se gosto da Maria? Ah! Sim... gosto dela com a sinceridade que ponho em todas as minhas coisas. Descrevo-me, faça-me valer, in-

vento episódios dum idílio amoroso; que perdi há anos uma mulher admirável e que estava ainda inconsolável com a sua perda quando encontrei a Maria.

Falo-lhe muito, a história cont. na pag. 14

DEPOIS DE 48 ANOS DE PRISÃO DE VENTRE.....



SEI O QUE ESTOU A FAZER....
E MAIS AINDA... SEI PARA QUEM!....

Sem postigos, sem peruca, sem qualquer tratamento — e contudo

"Uma Cabeleira abundante em 4 horas apenas"



Incrível? Fantástico? Não. Com efeito: com o processo de entretencimento de cabelos Eurocabe pode, em cerca de 4 horas, voltar a ter cabelo natural como se se tratasse do seu próprio cabelo. Tal se conseguiu através de uma técnica perfeita desenvolvida e aperfeiçoada durante anos. Os seus próprios cabelos (basta ter apenas uma coroa de cabelo) são entretencidos, invisível e firmemente, com cabelo verdadeiro, cuidadosamente escolhido. O cabelo é penteado de acordo com os seus desejos. Também de acordo com os seus desejos, pode, com



o processo de entretencimento de cabelos Eurocabe e através de fases sucessivas, acrescentar mais e mais cabelos. Com o processo de entretencimento de cabelos Eurocabe (processo extraordinário já utilizado em 9 países de Europa) pode sentir-se seguro e nadar, tomar duche, lavar a cabeça, dormir, andar em carros abertos, numa palavra — fazer tudo o que mais lhe agrada. Venha já, mesmo sem entrevista marcada, ou telefone-nos. O caminho mais simples para um cabelo novo é o caminho da Eurocabe. Rua Barata Salgueiro, 31-5.º — Lisboa — Tel. 55 66 82 Rua Sá da Bandeira, 331-4.º Dto. — Porto — Tel. 27871

euROCABE

Instituto para Novos Cabelos
Uma nova personalidade em quatro horas

PARIS, ESTAMBOUL, HOLANDA, FRANÇA, ALEMANHA, ITÁLIA, HONGRIA, SUÍÇA, ÁUSTRIA, ARGENTINA E ESPANHA

ESTRAGALÇÕES

— Isto é uma estragação! Esta gente não sabe poupar dinheiro?

— Ó filho a vida está caríssima: naturalmente as pessoas gastam dinheiro porque são obrigadas a isso...

— Não é bem assim! Podia-se muito bem poupar! Há coisas que a gente vê no jornal, que revelam um desperdício inculpável!

— Mas o que é?

— Olha para aqui: repara nestes anuncios enormes, a três e a quatro colunas: isto custa um dinheiro!

— Ah! Pois é... Mas compreendes, as pessoas que põem esses anuncios, lá sabem! Eles querem que toda a gente saiba...

— Está bem, mas não era preciso fazer um anuncio tão grande! Só lhes falta pôr o retrato como fazem os maridos

que não se responsabilizam pelas dividas da mulher que lhes fugiu...

— E olha que já vi alguns com retrato...

— Na minha opinião, tudo isso é um gasto de dinheiro que se dispensava. Bastava que fizessem uma secção, como aquela do COMPRA-SE e VENDE-SE, e no titulo punha-se assim:

Senhores que para evitar confusões, complica-

ções, explicações e atropalhões declaram que nunca pertenceram à P.I.D.E. nem se dedicaram à politica nem sequer sabem o que isso é, e até julgavam que D.G.S. queria dizer Depósito de Gasolina e Sabão: E depois vinha por secções, tal e qual como as compras e vendas: donos de lojas disto ou daquilo, empregados nisto ou naquilo, vadios por isto ou por

aquilo, e diversos disto ou daquilo: e a seguir os nomes todos, assim como um abaixo assinado. Que dizes?

— Acho bem, e até tinha uma outra vantagem...

— O que era?

— Era que não dava tanto nas vistas nem lembrava pecados esquecidos...

FIM



UM DIA NUMEROSA CAVALGADA

BARRAÇADAS

A MESA BICUDA



O ENXOVALHO

ARAUTO

— Ergueide-vos, senhores nobres do conselho de el-rei: que aí vem sua Magestade o sobredito cujo!

D. PAIO

— Vedes como já sabeides? Assim já nos entendemos!

EL-REI

— Vós podeivos entender: eu é que não me entendo!

D. PAIO

— Que haveis, Magestade? Que vos afronta?

EL-REI

— São os relatórios que hei recebido de D. Eustáquio Subtrativo.

D. PAIO

— O mestre das finanças do reino?

EL-REI

— Esse mesmo! Estou a ver que tenho que lhe mandar cortar a cabeça!

D. SEGISMUNDO

— Mas ele não está hoje neste conselho...

EL-REI

— Não está porque eu o mandei à Aldeia Gorda fazer um levantamento geral de Gados, para saber quais são os rendimentos das minhas pecuarias. E aproveitei para dicutir com todos vós, nobres do meu conselho, se lhe hei-de mandar cortar a cabeça, ou se me ficarei por uma orelha!

D. PAIO

— Mas senhor, que aleivosia vos fez D. Eustáquio Subtrativo? Em conta de honrado o tinha!

EL-REI

— Honrado teria sido o pai dele, que o mesmo já não me atrevo a dizer da mãe! Então esse sevandija não me esteve a pôr nos relatórios reais que os meus gastos de representação estão a arruinar o país?

D. PAIO

— Mas vós não tendes feito assim tão grandes gastos! Onde foi D. Eustáquio descobrir tais verbas?

EL-REI

— A mim mo perguntades? Eu que mal saio do palácio, e que se algumas vezes vou assistir aos jogos da pela, é só porque ainda se não fez um invento que por meio de espelhos ou outra forma qualquer, possa apresentar os jogos da pela nas nossas casas?

D. PAIO

— E talvez seja melhor assim, Magestade: porque esses exploradores de inventos são tão gananciosos que quiçá não dariam esses espectáculos se lhes não pagassem muito bem!

EL-REI

— Pois D. Eustáquio declara nos seus relatórios que eu gasto fortunas nas minhas visitas a outros reinos e outros soberanos. Ora isso é uma enormissima aldrabice! Imaginaide que quando na primavera passada eu fui de abalada ao condado de Alcochete, e levei — como é da praxe — duas alimárias carregadas com filhózes para o meu primo D. Algembundo, tive o cuidado de mandar fazer as filhózes com farinha de palha de arroz, e fritá-las em oleo de figado de bacalhau, para não gastar muito do outro, senão D. Briolanja ficava fula. Pois o alarve de D. Eustáquio Subtrativo lançou no relatório...

cont. na pag. 10

UM DIA NUMEROSA CAVALGADA CHEGOU DE SUPETÃO: SEM DIZER ÁGUA VAI SUBIU A ESCADA, E CHAMOU PELA SITUAÇÃO. — SÃO VOCÊS QUE TÊM ESTADO A MANDAR NISTO? — SOMOS, SOMOS! — RESPONDEU UM PARVALHÃO — E QUEM SÃO OS SENHORES PARA O PERGUNTAR? — A JUNTA HOSPITALAR. VOCEMÊS ESTÃO CANSADOS CONCRTEZA DEPOIS DE TANTOS ANOS DE DUREZA NESSE OFICIO TRAMADO DE MANDAR: POR ISSO NÓS FIZEMOS UM COMICIO E DECIDIMOS ACABAR COM O SACRIFICIO QUE HÁ QUARENTA ANOS VOCÊS ESTÃO A PASSAR! — MAS A GENTE NÃO SE IMPORTA, DEIXE LÁ... NÃO VALE A PENA ESTAR-SE A INCOMODAR! — NÃO CUSTA NADA: ISTO É UM INSTANTINHO: AFINAL SOMOS SÓ NÓS E O ZÉ POVINHO QUE ARRUMAMOS SEM DEMORA ESTE TRABALHO VOCÊS COMERAM MUITO: DESTA MANEIRA PARA EVITAR MAIOR INDIGESTÃO, VOCÊS VÃO P'RA MADEIRA OU VÃO PARA UM ENXOVALHO: — É QUE A GENTE ATÉ GOSTAVA DESTA LIDE... — PUDERA! AJUDADOS PELA PIDE... MAS AGORA MEUS MENINOS ACABOU. ACABOU-SE TODA A MAMA E OS BANQUETES. PODEM IR, SE QUIEREM VENDER GRAVATAS PORQUE O ZÉ NÃO ENFIA MAIS BARRETES. DITO ISTO SAIU A CAVALGADA LEVANDO TUDO À FRENTE DE ROLDÃO. E OLHANDO DE SOSLAIO PARA TRÁS OUVIU-SE DIZER A UM RAPAZ: — VAI SER PRECISA UMA DESINFECÇÃO...



— Pois estimados tele-espectadores, quisemos hoje trazer aqui aos nossos studios um homem do povo. Desse povo que hoje respira melhor, desse povo que hoje pode em plena liberdade dizer das suas aspirações. Pensamos fazer uma mesa redonda, mas como todas as pessoas que encontrámos estavam muito atarefadas, e a hora do programa se aproximava apenas conseguimos trazer aqui o senhor... como se chama o meu amigo?

— Eu sou Jorge!
— Jorge. Jorge, quê?
— Jorge. Só Jorge. Sabe é assim que eu sou conhecido...

— Muito bem. Temos portanto aqui o nosso amigo Jorge, um homem do povo, um homem de trabalho. E como só o temos a ele para entrevistar, não se pode chamar a isto uma mesa redonda...

— Pois não, é uma mesa bicuda...

— Ah! Ah! Tem muita graça! Com efeito, é uma

QUANDO ELE DIZIA QUESÓ COM O ESFORÇO DE TODOS SE PODIA CONQUISTAR O PROGRESSO!... COMO ELE SE CAUSAVA COITADO...



FINANCEIRO

cont. da pag. central

D. PAIO

— Não vos admireides! Filhózes feitas com óleo de fígado de bacalhau faziam qualquer pessoa lançar!

EL-REI

— Não sejaides bruto! Lançou, mas foi escrevinhações!

D. PAIO

— O quê? Tão mal se sentia?

EL-REI

— D. Paio, D. Paio, que me estaides a sair indigesto! Calaide a bazaruca, e deixaide-me aliviar. . .

D. SEGISMUNDO

— Pois quê! Também estaides aflito? Acaso tereis também comido dessas filhózes?

EL-REI

— Bem me dizia o meu paizinho que esta merda de conselhos de ministros não havia de dar nada. Parece que lhes vou limpar o cebo a todos, e acabo por dar razão ao D. Eustáquio!

D. PAIO

— Mas dizeide, Magestade: que aleivosia cometeu D. Eustáquio?

EL-Rei

— D. Eustáquio declarou que as duas alimárias de filhózes custaram mais ao meu reino do que a fábrica de tijolos que mandei erguer na Porcalhota. Que dizeides?

D. PAIO

— Sabeides que não sinto grande inclinação para as contas. para isso tendes D. Eustáquio Subtrativo. . .

EL-REI

— Terei enquanto lhe não cortar a cabeça. Sabeides o que ele aconselhou no fim do relatório e contas do reino que acaba de apresentar?

D. SEGISMUNDO

— D. Eustáquio é pessoa de muito saber. Certamente vos aconselhou algo de vantajoso. . .

EL-REI

— Pois aconselhou-me a acabar com este conselho de ministros. Aconselhou-me a ficar apenas com um encarregado das finanças do reino — que seria ele — e um escriba, para ele não ter o trabalho de fazer as escriturações. . .

D. PAIO

— Ai o grande sevandija! E eu que ainda na semana passada lhe trouxe da minha quinta um pichel de malvazia! As tripas se lhe revolvessem em quatro nós cegos!

D. SEGISMUNDO

— Bandido de trazer por casa! E lembrar-me eu que ainda no outro dia ele me pediu para se servir da minha caleche, que tinha a dele na revisão das quinhentas mil léguas! Dissesteis que lhe ieis cortar a pinha, Magestade?

EL-REI

— Não sei ainda. É que ele aconselhou-me a acabar com este conselho de ministros, mas a dar a todos vós, como reforma, as mesmas tenças que estaides recebendo no activo. . .

D. PAIO

— Inteligente sábio é esse D. Eustáquio Subtrativo, Magestade. Vedes como ele percebe de governança? Hei-de trazer-lhe outro pichel de malvazia!

D. SEGISMUNDO

— Feliz soides, Magestade, por terdes ao vosso serviço tão sábio matemático. E alembraide-vos que nessas coisas das despesas de representações, ele deve ter razão. Ele certamente deseja evitar as tragédias financeiras que constantemente sucedem nos outros reinos. Ou acaso já vos esquecesteis das loucas fortunas que foram nos longínquos reinos dos cow-boys, gastos por um boa-vai-ela que andou a kissingar dum reino para o outro e no fim o rei dele, ao fazer as contas viu que nem sequer tinha ganho para o pitró!



astro-lábia

por: Horus Kopus

Claro, natural e evidente! Você não acreditou no que eu lhe disse e deu com os machinhos na água. Quem o mandou ser parvo? Para a outra vez deixe-se de ideias próprias, e siga os meus conselhos. Ao menos se esmurrar as ventas, sempre tem de quem se queixar. . .

CARNEIRO

TRABALHO — Isso é que era bom: queria férias, não era? Espere até Setembro, e é se tiver sorte. O melhor é ir gosando os fins de semana por conta. . .

AMOR — Ena, ena! Com que então ela disse-lhe que sim? Tá-se mesmo a ver que você vai armar em andarilho. Mas deixe lá, o que há-de você fazer?

SAÚDE — Bestial. Se conseguir acabar com a caspa, não há mal que lhe chegue esta semana.

TOURO

TRABALHO — Esta semana não lhe vai correr nada mal. Talvez seja boa ideia dizer em casa que tem que fazer serões. Pelo menos às quintas feiras, que é quando o Campo Pequeno dá sessões.

AMOR — As configurações astrais não parecem lá muito boas esta semana. Eu se fosse a si começava a desconfiar de tanta ida ao cabeleireiro.

SAÚDE — Se não fossem os rins, você estava safo esta semana. Assim é uma chatice.

GÊMEOS

TRABALHO — Trabalho, há com fatura. Quem manda trabalhar, também. O pior é que o ordenado anda muito por baixo. Aperte com o casaca. Sempre lhe dá a chance de ele poder dizer que não pode comprar o casaco de peles à patroa.

AMOR — Olhe que aquela história que ela lhe contou pode ser verdade. Lá por ser pouco provável, não é razão para você ser desconfiado a esse ponto.

SAÚDE — Boa, se cortar o cabelo depressa. Se não arranja uma inflamação nos olhos.

CARANGUEIJO

TRABALHO — Tem que trabalhar, pois o que é que você queria? Lulas? Isso são gasteropodes e você é crustáceo. Deixe-se de hibridismos que lhe ficam mal.

AMOR — O conselho é o mesmo. Arranje lá a sua caranguejinha e dê com ela um passeio na sua carangueiola. Vai ver que tudo acaba em bem, com o máximo duma perna partida.

SAÚDE — É essa coisa da perna partida, ou não tinha percebido?

LEÃO

TRABALHO — Muito trabalho, muitas acções, muita pasta. Mas no fim o tesoureiro vai ter um trabalho a contar tudo. . .

AMOR — Já a semana passada lhe disse: o Amor é uma gaita. Mas não é das suas: é das outras!

SAÚDE — Com o fim da época surgirá a falta de ar. Acautele-se: Olhe que nem todas as buzinas são de ar: algumas são de falta de ar. . .

VIRGEM

TRABALHO — Esta semana tem menos. O que se compreende: você bem sabe que nem todos os dias são iguais. . .

cont. na pag. 11

AMOR — Vá-se contentando com os discos dos seus cantores preferidos. E veja se ao menos percebe o que o Paulinho quer dizer, porque você já tem idade para isso. . .

SAÚDE — Veja se trata dessa anemia. Uns baldezitos de três não lhe faziam mal nenhum.

BALANÇA

TRABALHO — Isso é que era bom! Então ainda agora teve umas férias e já queria que o casaca o dispensasse para ir ao casamento da sua tia! Invente outra que essa não pega.

AMOR — Claro que o arranjinho com que estava a contar se o patrão o dispensasse, vai pela água abaixo. O melhor é combinar outra coisa.

SAÚDE — E agora que você estava tão bonzinho! Já é azar!

ESCORPIÃO

TRABALHO — Deixe-se de ideias de espetar o ferão a torto e a direito. Vá lá fazendo esses biscates onde finge que trabalha, e dê-se por muito feliz.

AMOR — Quem foi que lhe disse que ela o grama-va? Mas você não vê a figura de parvo que tem andado a fazer? Ora tenha juízo!

SAÚDE — Talvez não fosse má ideia pensar em comprar um desodorizante. Você pode estar bom, mas olhe que cheira muito mal.

SAGITÁRIO

TRABALHO — Esta semana pode preparar-se para bater todos os recordes: Vai ter trabalho dia e noite, e nem sequer a patroa vai acreditar quando lhe disser. É bem feito!

AMOR — Claro que a conversa com a Bábázinha tem que ficar para daqui a quinze dias: Até porque depois da semana de trabalho que você vai ter, precisa de outra para se recompor. . .

SAÚDE — Isto, se quiser estar em forma. . .

CAPROCÓRNIO

TRABALHO — Pouco e mau. O melhor é considerar-se mais ou menos desempregado.

AMOR — Realmente é pena, mas eu tenho que lhe dizer. Aquilo era aldrabice dela. O melhor que você tem a fazer é dizer que vai para fora, e aparecer de repente em casa.

SAÚDE — E tome um ou dois calmantes, que vai precisar deles à brava!

AQUÁRIO

TRABALHO — Esta coisa dos serões já deu o que tinha a dar. O melhor é dizer à patroa que vai para as reuniões do seu clube. Ali só deixam entrar os sócios, e ela não tem as cotas em dia.

AMOR — Parece que ela lhe vai dizer que sim. Vamos lá a ver se você se aguenta.

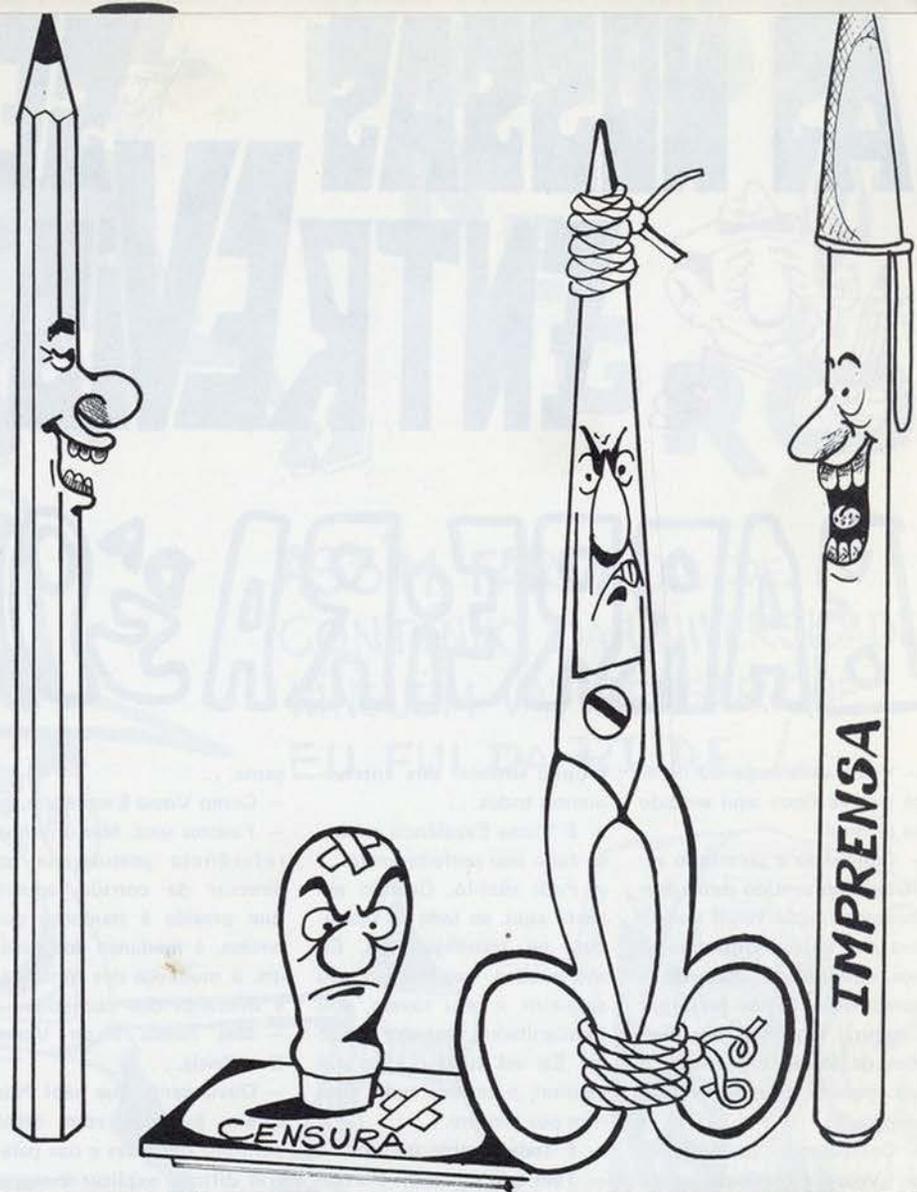
SAÚDE — Calcio, fósforo, sais minerais, vitaminas e bastantes dopes. Quem bem o avisa. . .

PEIXES

TRABALHO — Quem foi que disse que o trabalho dá saúde? Vigaristas!

AMOR — Isso é outra conversa. E conversa muito mais válida. Quem tem um número bonito de telefone, quem é?

SAÚDE — De ferro e sem estar enferrujada. Pronta para todas as emergências. E mais algumas (mas veja lá não se exceda!)



A MESA BICUDA

cont. da pag. central

vocês os trabalhadores têm na vossa frente um caminho livre de opressões. . .

— Pois é, mas não era isso que eu queria dizer!

— Então o que era?

— Eu já lhe disse que mais ou menos, assim às levadas, eu sempre tive trabalho. Olhe que houve alturas em que eu tinha que fazer serões e serões até às tantas! O que é é que agora já tenho encomendas que me vão dar para ter que trabalhar em mais larga escala! Estou a ver que tenho que aumentar a oficina, e meter mais ajudantes porque o trabalho está a cair lá em casa numa forma assustadora!

— Explendido! Isso mais uma vez prova. . .

— Não me fale em provas, porque isso até me dá tonturas!

— Essa agora! Mas porquê? É verdade mas o

senhor ainda não me disse qual era o seu trabalho. . .

— Pois aí é que está a explicação: não vê o senhor que eu sou alfaite. . .

— Bom e então?

— Então, pergunta o senhor? Então não está a ver a quantidade de casas que me estão a chegar todo o dia lá à loja, para eu as virar?

OS RIDÍCULOS

O MAIS ANTIGO
SEMÁNARIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR
SILVA NOBRE

PROPRIEDADE
HUMBERTO S. NOBRE

Redacção e administração
R. Conde Redondo n.º 12 — 2.ª LISBOA
Tel. 53 85 85-53 79 49-48668-563158

Composto e impresso na "LISGRÁFICA"— S.A.R.L.

DISTRIBUÍDO PARA TODO O PAÍS POR
AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS
R. SARAIVA DE CARVALHO — LISBOA

AS NOSSAS SENSACIONAIS ENTREVISTAS



BARREIRA & SOMBRIÑA

— Vossa excelência dá licença que eu fique aqui sentado ao pé de si?

— Concedida a permissão solicitada no sentido duma melhor observação visual e auditiva dos comentários que se nos antolharem, mas sob a combinação de não perturbar a natural sequência dos mesmos de forma a preclodir o seu impacto na receptividade televisiva!

— Compreendo perfeitamente: Vossa Excelência como comentador de touradas necessita certamente de se concentrar no que se passa ali em baixo, para poder explicar aos tele-espectadores. . .

— Fruto de sagaz observação e dum muito embora superficial conhecimento das artes taurinas, pode considerar-se aceitável essa explicação. Não que algo possa escapar ao poder do meu apropriadamento das sortes desenhadas perante os hastados, nem outrosim à fluência das sóbrias mas sábias explicações para o ignorante público; mas importa que ao meu fluido intelecto nenhum ainda que infimo detalhe possa evadir-se, para que não seja privado o aficionado público da correlativa explicação e definição.

— Sim, eu tenho reparado que Vossa Excelência não perde pitada desta coisa dos touros: por isso é que eu quiz hoje vir assistir a uma tourada: tenho visto na televisão e ouvido as suas explicações, e havia coisas que eu não percebia. . .

— Pois sensata decisão tomou, porque nisto de touradas é preciso conhecer tudo. É preciso saber sentir a festa, e para saber sentir a festa é preciso entrarmos dentro da

própria mente dos intervenientes todos. . .

— E Vossa Excelência conhece tudo isso perfeitamente. . .

— Pode dizê-lo. Quando me sento aqui, ao lado do operador, eu transfiguro-me. Eu sou público, sou forçado, sou cavaleiro e sou cavalo, sou bandarilheiro, matador e touro. Eu sei tudo o que eles pensam, e explico tudo, tim-tim por tim-tim. . .

— E toda a gente percebe. . .
— Têm que perceber. Porque eu aqui emprego a linguagem destinada especialmente aos aficionados. E fique sabendo que comentar uma tourada não é para todos. Não pense que isto é fácil: não assim como fazer um relato dum desafio de futebol. Veja lá se alguém se lembra de mandar para aqui o Artur ou o Alves Magrinho: metiam água com certeza. De touros quem percebe sou eu.

— Lá isso é verdade. A gente é que às vezes não percebe lá muito bem algumas palavras que o senhor diz. . .

— Também isto não é para toda a gente. Veja lá se em qualquer outro espectáculo existe o nível intelectual que tem uma tourada: no futebol, por exemplo, com tanta gente a correr disparatadamente para um lado e para o outro, e numa gritaria que ninguém se entende, só lá está a mandar um árbitro.

— E aqui na tourada. . .

— Aqui no espectáculo taurino desenrola-se uma sequência de eventos concomitantemente aleatórios da génese antagónica de duas forças. E tão importante é esse confronto contestatário que para o derimir se torna imperativa a soberania de um Inteli-

gente. . .

— Como Vossa Excelência. . .

— Favores seus. Mas a minha referência postulava-se ao director da corrida, aquele que preside à mudança dos tercios, à mudança dos cavalos, à mudança dos forçados, à mudança dos cornetins. . .

— Mas nunca à de Vossa Excelência. . .

— Obviamente que não! Pois quem poderia com cabal domínio das lides e das palavras difíceis explicar à massa amorfa e anódina dos tele-espectadores as minuciosas nuances dos parons, das chielinas, das reboleras e tantos outros passes?

— Pois é isso que luitas vezes me faz confusão: Para que servem tantos nomes assim esquisitos que o senhor diz. . .

— É muito simples, meu caro senhor: o que é preciso é saber. E saber, como só eu sei. Mas nunca eu possa aleivosamente ser acusado de negar o meu saber, a quem mo pede. Por exemplo o "paron", é um passe de mandão.

— Mandão?

— Sim senhor. O toureiro dirige-se ao hastado. . .

— Ao quê?

— Ao hastado. Que tem hastes. Que é boi, percebe?

— Percebo sim senhor. E depois?

— E depois, quando o hastado é breguenho, codicioso e assaralhopado, desfeiteando o intento e gazepeando. . .

— Ah eles fazem isso tudo?

— Claro! E é nessas alturas que o lidador se tem que impor.

— Compreendo.

— E então, mete-lhe o pano à frente e grita-lhe: Paron! E ele pára.

— Extraordinário! Como o senhor sabe disso! E as chielinas?

— Isso é um passe ao longo dos costados, que é donde se tiram depois os bifes do Chico Carreira. E é por isso que se chamam Chico Elinas.

— Formidável! O que as pessoas ignoram a respeito dos touros! E oiça lá: o que é essa coisa da rebolera, que o senhor disse há bocadinho?

— Bom isso é um passe que se emprega principalmente com vacas. Tem esse nome porque se desenvolveu muito nas touradas que antigamente se faziam na Reboleira. Mas agora já poucos matadores o utilizam. Está muito visto e é muito conhecido. Dá bronca em quase todas as praças. . .

— Agora percebo porque razão é que o senhor foi escolhido para comentar as touradas. Aquilo que o senhor sabe a respeito de touros é monumental. . .

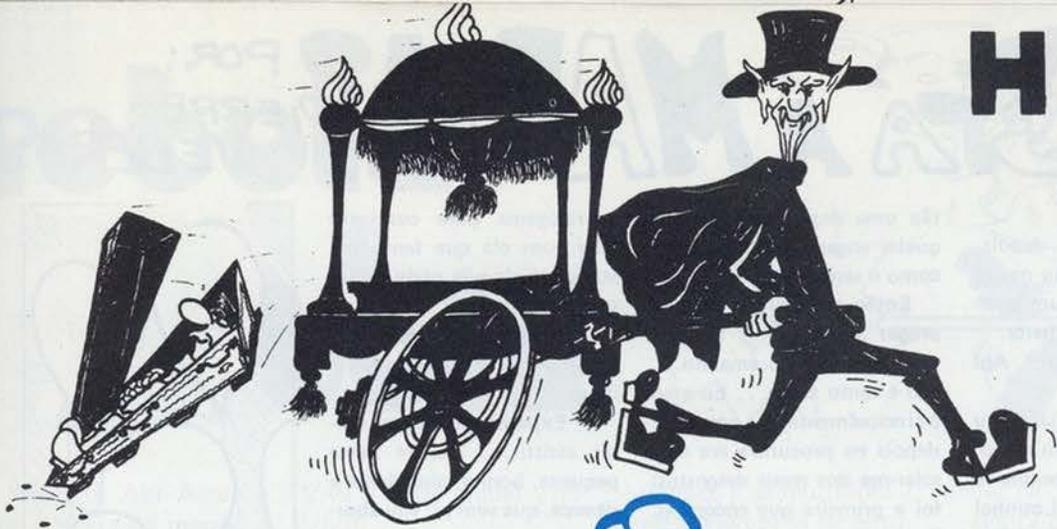
— Pode dizê-lo. É claro que toda a gente tem detractores: até já ouvi dizer que eu nem sabia o que era um trincheirazo. . .

— Que disparate! Quem teria uma ideia dessas?

— Sei lá! E então uma coisa tão elementar: toda a gente sabe que um trincheirazo é um passe feito com um pé na trincheira. . . Mas agora cale-se. Vai começar a tourada: o inteligente já tocou para sair o primeiro touro: tenho que começar.



HUMOR NE GRÖ



APROVADO COM
20 VALORES NA
DEFESA DE TESE
DE
DOCTORAMENTO
DA ESCOLA
TÉCNICA DA **P.I.D.E.**

ASSIM FARDADO DE
CONTÍNUO DA UNIVERSIDADE
NINGUÉM VAI PENSAR QUE
EU FUI DA **P.I.D.E.**!..



NÃO ME DIGAM
QUE ESTÃO ZANGADOS
COMIGO SÓ POR ISTO!!!



COMO ESTÁ A MARIA? POR: PIERRE VEBER

cont. da pag. 6
emocionada e ela fica sendo
minha amiga. Eis tudo.

“Nessa altura do meu relato já a fiz rir e comover; ela intimamente pensa que a Maria tem a sorte de ser amada por um sujeito que não é tolo nenhum, e que parece estar bem na vida. Acha até que tem sorte demais porque não merece tanto. E então diz com ar enigmático e pensativo:

— E estranho que goste assim da Maria. O que é que lhe encontrou de extraordinário? Acha-a muito bonita? Atenção. É preciso cautela!

— É curioso! Não. Bonita não é. De extraordinário... também não tem nada. Mas tem um não sei quê?

— O senhor não é difícil de contentar. A Maria tem impingens, não tem cintura. Eu conheço-a melhor do que o senhor. É minha amiga íntima!

— É o que se pode chamar

uma feia bonita...

— Nem isso. E depois, como seriedade, deixa muito a desejar. Vai com um qual-quer. Sou a sua confidente.

— A sua confidente? Ah! Como se chama?

Ela diz um nome, Júlia ou Carlota, e eu solto um brado.

— Carlota? A menina é que é a Carlota? A Lotinha!

— Sou... Quê? Ela falou-lhe de mim?

— Muitas vezes. Parece que não simpatiza muito consigo. Disse-me que... eu não posso repetir-lhe o que ela disse...

Estou a tentar a vingança; dá resultado instantâneo.

Ela pensa: “Ah! Tu intrigas-me? pois eu vou roubar-te o teu amante”. E então é que eu oiço das boas e bonitas sobre a Maria, até que acaba assim:

— Eu talvez proceda mal confiando-lhe tudo isto, amando-a o senhor tanto. Mas é mais forte do que eu; não posso ver uma injustiça, e en-

tao uma desavergonhada daquelas enganar um cavalheiro como o senhor!

Então eu reviro o bico ao prego:

— Amando... amando... não é tanto assim... Eu amo principalmente o amor. E depois eu procurava era consolar-me dos meus desgostos: foi a primeira que encontrei. Se eu tivesse sabido... Não era uma Maria que me convinha, não, mas uma rapariguinha honesta, bonita, alegre, etc... assim no seu tipo!

— Não diga tolices.

— É verdade. Desde que estamos a conversar, que tenho pensado que fomos feitos um para o outro.

— Eu direi isso à Maria.

— Pode dizer; e diga-lhe também que a achei intiligente, interessante...

Dez minutos depois, vamos de braço dado, jantar juntos; depois a um cinema; algumas vezes cear, etc. etc.. Quando lhe descobro o meu

estratagema para conseguir falar com ela que tanto me atraiu, já ela não pode passar sem mim.

— Mas... — perguntou Sharp — o truque nunca falhou?

— Experimente; ou se quiser assistir... Repare nessa pequena, bonita, abundante e ritmica, que vem aí; vou abordá-la.

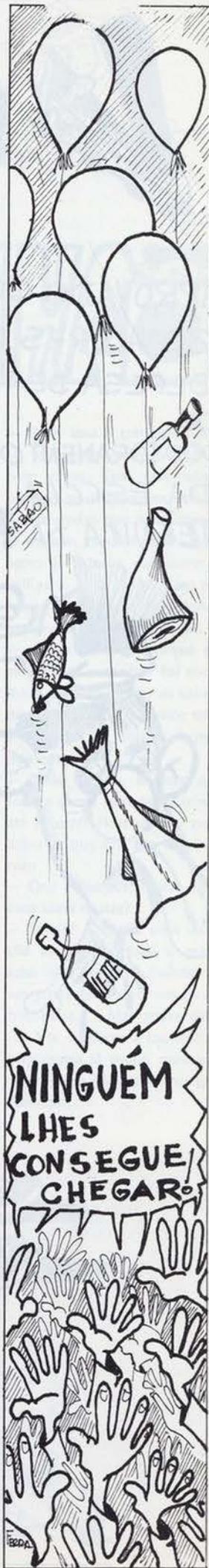
Com efeito, o major atravessou a rua, tirou o chapéu, aproximou-se da pequena e disse as palavras fatídicas:

— Como está a Maria?

Ao que, a costureirinha, respondeu com uma voz forte, de forma que todos podiam ouvir no passeio fronteiro:

— A Maria? Ah! É o senhor! Pois ela encarregou-me de lhe dizer que se não lhe devolve o dinheiro que lhe emprestou, não passa dum reles escroque...

O major Heitner afastou-se com passo largo...



SUB-ALIMENTADO!

EU?



Rebola bola



Ah! Ah! Ah! Agora é que a bola está mesmo a rebolar! E o Zé também se está a rebolar de alegria e satisfação! O nosso clube ganhou! Passamos para a primeira divisão! Viva o nosso treinador!

Viva o nosso clube! Viva! Viva!

Mas isto agora pensando bem é uma gaita! Até aqui a gente tinha todas as semanas os dias a trabalhar, e aos sábados e aos domingos haviam os

futebois, e as multidões a embebedarem-se de entusiasmos clubistas para esquecer as tristezas (que eram tantas!) e mesmo assim dentro da linhaça, porque senão lá estavam os cavais à porta para os

meter na ordem.

Agora quem é que liga ao futebol o que ligava até aqui? Depois desta formidável vitória no grande estádio que é Portugal inteiro, quem é que vai preocupar-se com as

ninharias dos presidentes dos clubes, dos treinadores dos ditos, dos jogadores dos mesmos ou dos entusiasmos duma vitória por penalty no ultimo minuto?

Estamos, acreditem amigos leitores, verdadeiramente tramados. Como é que a gente vai agora dizer que o ultimo desafio entre o Celtic e o Atletico de Madrid foi arbitrado por um senhor suíço que era professor universitário e tenente coronel da reserva e comparar isso com alguns dos nossos árbitros e esperar que as pessoas dêem a isso uma grande importância?

Naturalmente respondem-nos: Ah sim? E voltam a cheirar o seu cravo vermelho que tem muito mais valor infinitamente mais do que o emblema do seu clube...

Por isso amigos, estou a recear seriamente por esta secção. Pois se até já o Agostinho (o locutor, não é o da bicicleta) marcou o totobola desta semana com o numero 1! E teve razão porque até aqui o desporto era todo em recinto fechado: e agora meus amigos a coisa mudou. Mudou em todos os sentidos, mudou em toda a parte! Viemos para a relva viçosa do grande estádio da primeira divisão! Vai começar um novo campeonato, onde todos temos o nosso lugar, desde os defesas aos pontas de lança!

Agora, meus amigos, é que é bom: agora é que a bola começou a rebolar: e e ganhamos as ultimas eliminatórias: e verdade verdadeira, Portugal ainda é um grande Clube!



SUPER MANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)
TEL. 562411/10 LINHAS



A MAIS FABULOSA GAMA DE APARELHAGENS
ELECTRODOMÉSTICA E DE SOM ESTEREOFÓNICO DAS
MAIS FAMOSAS E ACREDITADAS MARCAS MUNDIAIS
MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO
"EPEDA" E "DELTALOC"